

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: A Crítica Class.: 1175Data: 02/10/90 Pg.: _____

Reativado o interesse acerca do Parime

Arlindo Porto

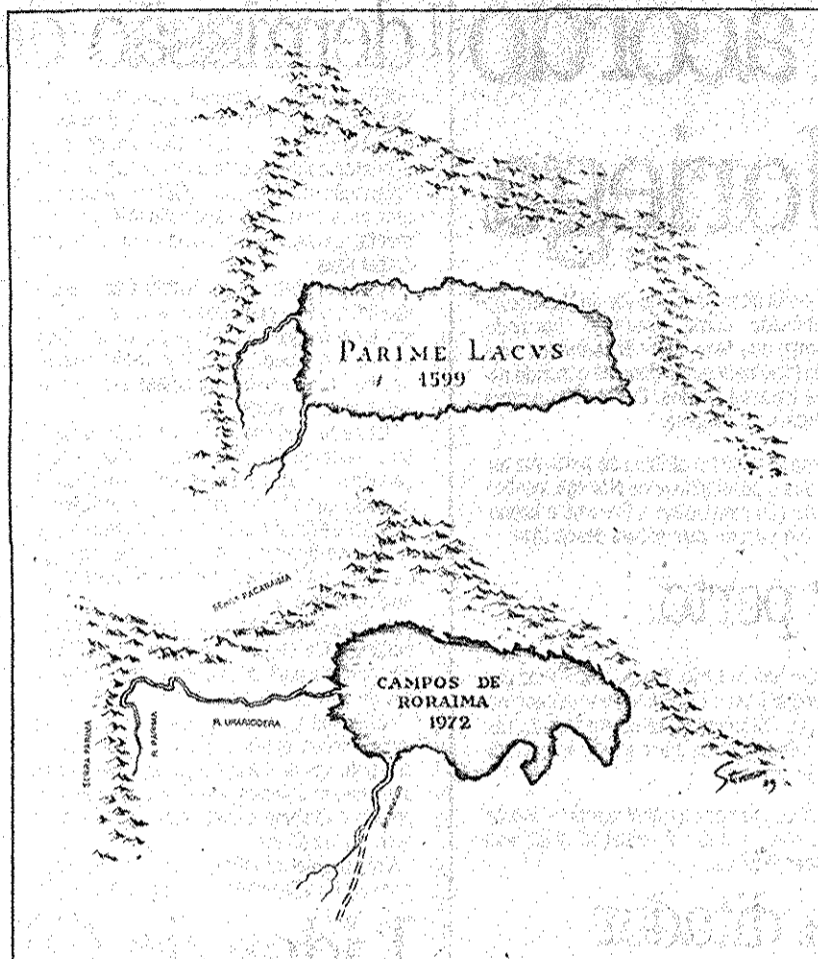
O advento de um novo ano faz também renascer as esperanças em que os órgãos científicos brasileiros voltem a sua atenção para a celeuma despertada em torno da existência ou não, na região que hoje forma o norte do território de Roraima, de um enorme mar interno, uma massa de água salgada que teria se esvaído à época da chegada dos exploradores espanhóis na América Latina. A comprovação da existência desse lago (Parime), tema pela primeira vez levantado no Brasil pelo pesquisador Roland Stevenson, que reside em Manaus, poderia introduzir elementos de estudos inteiramente novos na história das civilizações que outrora ali existiram, e produziria mesmo concepções inteiramente inéditas quanto a existência de importantes atividades naquela área, no período pré-colombiano.

O lago Parime foi uma gigantesca massa de água salgada que existiu outrora cobrindo o que é hoje a região de campos de Roraima e parte do território da Guiana (ex-inglesa), e que se extinguiu há cerca de 400 anos, em decorrência do escapamento de sua enorme massa líquida, graças a erosão nas serras do Mucajai, ligando-se ao rio Branco e por ali se exaurindo.

Os principais indícios da existência do lago são os geológicos, devido especialmente à sedimentação do solo, que indica haver a área estado submersa, calculando-se a extinção progressiva do volume líquido com a chegada dos espanhóis.

Essas informações nos foram reveladas por Roland Stevenson, com base em dados colhidos pelo geólogo Salomão Cruz, de Roraima, nos anais da 10ª Conferência Inter-Guianas, afirmou-nos que embora no início tenham surgido controvérsias, devido ao fato de o leito do lago possuir formações de épocas diferentes, sabe-se ser isso resultante da "Ruptura Graben do Tucutu", quando o Oceano Atlântico avançou pela Guiana, cobrindo vastas áreas independentemente dos tipos de solo que as formavam.

Primeiras investigações — Despertado no seu interesse de estudioso pelas leituras amazônicas a respeito da existência daquele fenômeno geológico e das pesquisas que durante muitos anos apaixonaram numerosos exploradores, os quais partiram para o desconhecido e buscaram, sem êxito, a comprovação da existência do lago Parime, Roland Stevenson em determinado momento de sua vida resolveu dedicar-se ao assunto. Para fazer isso, cercou-se da orientação de pessoas como a arqueóloga Maria Aminda de Souza (Sphan), o professor de etnologia, padre Casimiro Beksta (Cenes) e geólogo Frederico Cruz (DNPM), além de lançar-se a longos e cansativos estudos, com pesquisas diretas na região, que lhe consumiram muito tempo, recursos e até mesmo um pouco da saúde.



Um dos pontos que detetaram os estudos de Roland Stevenson foi a similitude entre o lendário lago Parime, desenhado em 1599 (na parte superior) por Henricus Hondius e o indicado pelas fotos aéreas do Radam, obtidas em 1972 (abaixo).

Embora na distância entre si de alguns séculos, os dois desenhos, um feito com enorme precariedade de recursos técnicos e o outro baseado em máquinas altamente sofisticadas, os dois desenhos mostram uma semelhança extraordinária, contra o que se rebelam apenas os que não querem ver.

O resultado disso, hoje, são os originais de um livro de natureza científica, no qual encerra o resultado de mais de um decênio de pesquisas e buscas. Essa obra, que poderá representar uma contribuição das mais inestimáveis ao conhecimento humano a respeito da história amazônica, assim como da sua pré-história, está concluída e quem já teve a oportunidade de folhear o resultado do precioso levantamento de Stevenson, mesmo sendo uma pessoa sem maiores aprofundamentos científicos, sabe estar diante de um trabalho de enorme seriedade. Infelizmente, a falta de recursos do pesquisador e a complexidade da obra, que demanda uma elaboração bem cuidada e sem dúvida, onerosas, tudo tem dificultado a edição do livro, que assim permanece inédito.

“À princípio — conta Stevenson — as pessoas não acreditavam no meu trabalho. Como era possível, talvez pensassem essas pessoas, que um homem se dedicasse por doze anos ao culto de um assunto, consumindo tanto tempo no meio dos índios, sofrendo privações e passando incriveis desconfortos? Foi muito difícil

fazer com que as pessoas acreditassem que eu não era um aproveitador, talvez alguém que estivesse querendo fazer auto-propaganda e servindo-se para isso de um tema tão fascinante.”

Agora ele entra em explicações: “Iniciei meu trabalho de pesquisas nas imediações do Pico da Neblina, entre os índios Yanomami. À princípio, meu interesse era apenas o do artista, do pintor. Meu desejo era fixar o maior número possível de paisagens daquele mundo desconhecido que sempre me fascinara, desde a juventude. Os índios, interessadíssimos no meu trabalho, se compraziam em que eu lhes pintasse os retratos, o que comecei a fazer para agradá-los. Foi nesse trabalho de reproduzir fisionomias, que comecei a perceber a incrível semelhança de traços nos rostos dos yanomami, com os quichuas que outrora eu conhecera no Peru. Nesse ponto comecei a sentir uma enorme curiosidade e foi essa curiosidade que detonou os meus primeiros estudos de antropologia. Isso tudo ocorreu ali pelo ano de 1977, estendendo-se por vários anos.

Roland Stevenson mais tarde iria se

encontrar na bacia de Uaupés, em São Gabriel da Cachoeira, estendendo seus estudos sobre diversos grupos indígenas, tais como os tukanos, desanas, tarianas etc., entre os quais ouviu falar nas lendas de alguns desses povos, segundo as quais existira outrora, há muitos e muitos anos passados, um caminho que, segundo os pirá-tapuyas era “o caminho que varava as montanhas”, na direção do ocidente. A informação era muito interessante, porque na região não existem montanhas de grande porte. E um detalhe: na direção do ocidente, partindo daquela região, fica a Cordilheira dos Andes.

Roland narra: “Em minhas excursões, longas e demoradas, sob a direção dos índios de quem grangeara a confiança, terminei por vislumbrar vestígios do que teria sido aquele imenso caminho, formados por muros de pedra distantes um do outro cerca de 20 quilômetros. Nos indagamos: por que de 20 em 20 quilômetros? A evidência terminou por nos convencer que estávamos em vias de fazer alguma descoberta realmente fantástica. Em uma pedra, certa ocasião, no rio Uaupés, encontramos um petroglifo em baixo relevo, de uma lhama, que era o animal de carga por excelência dos incas e típico da região andina. Esse foi outro fator que veio a aguçar minha curiosidade em torno das construções, pois sabia que o raio de alcance da caminhada da lhama é de 20 quilômetros. Juntando os fatos, cheguei à conclusão de que aqueles muros eram vestígios arqueológicos de “tambos”, que são os pontos de descanso dos viajantes peruanos. A evidência da presença dos homens da cordilheira andina naquela região explicava então a similitude fisionômica dos seus rostos com os dos índios brasileiros daquelas inóspitas regiões.”

Seguindo pistas — “Nos anos seguintes — prossegue o pesquisador — procurei seguir a antiga via, no rumo do oriente, na direção do Pico da Neblina e em fevereiro de 1987 cheguei a Roraima,

trilhando a mesma rota que fôrnara a outrora imensa estrada”.

Stevenson faz uma pausa para explicar que, partindo da região dos tukanos até ao rio Paduari, está cientificamente comprovado, à luz de vestígios arqueológicos incontestáveis, a existência da famosa via pré-colombiana. Daquele ponto em diante, que inflete para o nordeste, na direção de Roraima, existem hoje as picadas (varadouros) utilizadas pelos yanomami, povo que tradicionalmente se utiliza de vias primitivas já existentes, sem jamais abrir novos caminhos. E essa via é justamente por onde passaria a projetada rodovia Perimetral-Norte.

Nosso entrevistado prossegue, afirmando que foi assim que ele e outros companheiros de estudos conseguiram chegar a Roraima, concluindo as pesquisas geológicas que comprovaram, com ajuda dos mosaicos aerofotogramétricos do Projeto Radam, fornecidos pelo geólogo Frederico Guimarães Cruz, da DNPM, a existência do lago extinto do Parime, que fora, na realidade, um enorme mar interno.

“Uma outra prova histórica da existência desse lago, então buscado pelos expedicionários, está registrada na viagem do inglês Thomas Roe, em 1611, que partindo do rio Negro, subiu o rio Branco até alcançar os llanos (campos) de Roraima, deixando um registro importantíssimo em suas notas, pois descreveu que teve de remontar dificultosamente 32 rápidos (cachoeiras), os quais hoje não existem mais, a não ser uns 4 ou 5 mas assim mesmo diminutos e quase insignificantes. Isso demonstra, com obviedade, que naquela altura a água do lago Parime escapava correntosamente na direção sul, como consequência da ação de alguma força erosiva que rompera as barreiras que antes impediam esse escapamento. “Stevenson prossegue:” A conclusão a que chegamos de que realmente o lago Parime cobrira aquela região, teve seu apoio no registro histórico dos finais do século XVI, apontando que todas as rotas dos pesquisadores que então buscaram localizar

aquela massa salgada, se dirigiam na direção do norte de Roraima”.

Por que a importância da comprovada descoberta de onde se localizava o lago Parime? Pelo seu conteúdo histórico, que vem trazer respostas para muitas indagações. Quando os espanhóis, comandados por Francisco Pizarro, chegaram ao Peru e depararam com a fabulosa riqueza dos incas, a ponto de chegarem a receber, de uma só vez, o saque correspondente a 6 toneladas de ouro, a sua maior curiosidade foi a de saber onde estavam as minas que fornecia aquela riqueza toda. No Peru não era e, por mais que torturassem os incas, para que revelassem, não conseguiram nada. Passaram então a investir na direção do desconhecido, na ávida busca pelos filões que, no seu entender, escondiam o próprio “El-Dorado”, a cidade de ouro dos seus sonhos. Numerosas expedições cortaram a selva, tentando encontrar a direção das minas que abasteciam os incas, pois sabiam que o ouro vinha de algum lugar e, se vinha, era trazido por algum meio, no caso uma estrada, visto ser impossível romper a selva tropical. Mas nessa altura, quando os espanhóis invadiram o Peru, em 1532 a estrada fora abandonada e a floresta reconquistava o seu lugar, fazendo assim desaparecer aquela importante via. Nenhuma dessas expedições jamais conseguiu atingir seu objetivo, embora tivessem chegado bem perto de Roraima e assim teriam atingido a região que fornecia o ouro, os grupos de expedicionários comandados por Berrío, DE la Fuente, Raleigh, Pedro de Vera, Keymis e muitos outros.

Para Raleigh, que foi um dos ávidos aventureiros que buscou o El-Dorado, no lago Parime estavam as fontes de ouro que abasteciam os incas.

Tudo isso está minuciosamente explicado no livro de Roland Stevenson, que um dia deverá vir a lume, para goáudio e satisfação do mundo científico interessado na Amazônia e na sua história.



A foto mostra o rio Mucajai, cuja margem (lado direito da fotografia) forma o limite do que foi outrora o lago Parime.